

CONTO
GRÁTIS

MARKHEIM



ROBERT LOUIS STEVENSON

MARKHEIM

CONTO GRATUITO

TRADUÇÃO

Regiane Winarski

PREPARAÇÃO

Camila Fernandes



REVISÃO

Yasmine de Lucca

WISH 

Todos os direitos reservados à Editora Wish.
Não é autorizado o uso comercial.

**FIQUE À VONTADE PARA COMPARTILHAR
GRATUITAMENTE COM AMIGOS! ♥**



Este conto estará presente
no livro ***O Natal dos
Fantasmas***: uma coletânea da
Editora Wish com 12 contos
fantasmagóricos de Natal,
incluindo inéditos.

OUTROS AUTORES:

Charles Dickens, Elizabeth
Gaskell, Algernon Blackwood,
Marjorie Bowen e mais...

APOIE EM:

**[catarse.me/
natalfantasma](https://catarse.me/natalfantasma)**



○ NATAI DOS FANTASMAS

○ NATAI DOS FANTASMAS

Histórias vitorianas de suspense e assombração



WISH

ROBERT LOUIS STEVENSON

AUTOR DE "A ILHA DO TESOURO" E "O MÉDICO E O MONSTRO"

MARKHEIM

Publicado em 1885

— **Sim, nossos lucros são de vários tipos**

— disse o comerciante. — Alguns clientes são ignorantes, e faço então bom uso do meu conhecimento superior. Alguns são desonestos — e aqui ele ergueu a vela, de forma que a luz incidiu fortemente sobre o visitante —, e, nesse caso, eu lucro pela minha virtude.

Markheim tinha acabado de chegar da claridade da rua e seus olhos ainda não estavam familiarizados com a mistura de brilho e escuridão da loja. Perante essas palavras afiadas e a proximidade da chama, ele piscou com dor nos olhos e olhou para o lado.

O comerciante riu.

— O senhor vem a mim no dia de Natal — observou ele —, quando sabe que estou sozinho em casa, que fechei as janelas e faço questão de recusar negócios. Bem, terá que pagar por isso; terá que pagar pela minha perda de tempo, quando eu deveria estar fazendo meu balanço; terá que pagar também por um comportamento que hoje observo intensamente no senhor. Sou a essência da discrição e não faço perguntas constrangedoras; mas, quando um cliente não

consegue me encarar, ele tem que pagar por isso. — O comerciante riu novamente; depois, mudando para a voz habitual de trabalho, embora ainda com um tom de ironia, perguntou: — Pode oferecer, como sempre, um relato claro de como obteve posse do objeto? Também foi do armário do seu tio? Que colecionador impressionante, senhor!

E o comerciante pequeno e pálido, de ombros curvados, ficou quase na ponta dos pés, olhando por cima dos óculos dourados e abanando a cabeça a cada sinal de descrença. Markheim retribuiu com um olhar de infinita pena e um toque de horror.

— Desta vez, está enganado — disse ele. — Não vim vender, mas comprar. Não tenho raridades das quais me livrar; o armário do meu tio está

vazio até o lambril, e, mesmo que ainda estivesse intacto, eu me saí bem na Bolsa de Valores e gostaria mais de acrescentar a ele do que o contrário, e minha missão hoje é simples. Eu procuro um presente de Natal para uma dama — continuou, ficando mais fluente ao seguir o discurso que tinha preparado. — Certamente, devo ao senhor todas as desculpas do mundo por incomodá-lo com uma questão tão pequena. Mas ontem negligenciei a tarefa; preciso oferecer meu pequeno regalo no jantar, e, como o senhor sabe muito bem, um casamento rico não é algo a se negligenciar.

Houve uma pausa em seguida, durante a qual o comerciante pareceu pesar essa declaração com incredulidade. O tiquetaquear de muitos relógios no meio dos objetos curiosos da loja



e o ruído suave dos táxis numa via próxima encheram o intervalo de silêncio.

— Bem, senhor, que seja — disse o comerciante. — Afinal, o senhor é cliente antigo; e se, como diz, tem a oportunidade de um bom casamento, longe de mim ser obstáculo. Eis uma coisa bonita para uma dama: este espelho de mão. É do século XV, garantido; vem de uma boa coleção. Mas preservo o nome em segredo, pelo bem do meu cliente, que era, tal como o senhor, sobrinho e único herdeiro de um colecionador notável.

O comerciante, enquanto falava com a voz seca e mordaz, tinha se inclinado para pegar o objeto no lugar onde estava guardado, e, ao fazer isso, um choque passou por Markheim, um sobressalto tanto da mão quanto do pé, um salto repentino de muitas paixões tumultuosas

no rosto. Passou tão rapidamente quanto surgiu e não deixou rastro além de um certo tremor na mão que agora pegava o espelho.

— Um espelho — disse ele com voz rouca, fez uma pausa e repetiu mais claramente: — Um espelho? De Natal? Claro que não!

— E por que não? — questionou o comerciante. — Por que não um espelho?

Markheim olhava para ele com uma expressão indefinível.

— O senhor me pergunta por que não? Ora, olhe aqui... olhe nele... olhe a si mesmo! Gosta de ver? Não! Nem eu... nem nenhum homem.

O homenzinho tinha pulado para trás quando Markheim o confrontara tão repentinamente

com o espelho; mas agora, ao perceber que não havia nada pior por perto, ele riu.

— Sua futura esposa deve ser desfavorecida fisicamente, senhor — disse ele.

— Eu peço um presente de Natal e o senhor me dá isto? — disse Markheim. — Este maldito lembrete dos anos, dos pecados e das tolices... esta consciência de mão! Foi de propósito? Tinha algo em mente? Conte. Será melhor se falar. Ande, me conte sobre o senhor. Eu arrisco um palpite agora de que, em segredo, o senhor é um homem muito caridoso, não?

O comerciante olhou com muita atenção para o cliente. Era muito estranho, Markheim não parecia estar rindo; havia algo no rosto dele semelhante a uma fagulha ansiosa de esperança, mas nada de alegria.



— Aonde quer chegar? — perguntou o comerciante.

— Não é caridoso? — questionou o outro em resposta, sombrio. — Não é caridoso; não é devoto; não é escrupuloso; não ama, não é amado; uma das mãos para pegar o dinheiro, um cofre para guardá-lo. É só isso? Meu Deus, homem, é só isso?

— Eu vou dizer o que é — o comerciante começou a dizer, com uma certa rispidez, e voltou a rir. — Mas estou vendo que é um casamento por amor esse seu e que o senhor tem celebrado a saúde da dama.

— Ah! — exclamou Markheim, com uma estranha curiosidade. — Ah, já se apaixonou? Me conte sobre isso.

— Eu? — respondeu o comerciante. — Eu, apaixonado! Nunca tive tempo, assim como hoje não tenho tempo para toda essa besteira. Vai levar o espelho?

— Qual é a pressa? — perguntou Markheim. — É muito agradável ficar aqui conversando, e a vida é tão curta e insegura que eu não fugiria de nenhum prazer. Não, nem mesmo um tão brando quanto este. Devemos nos agarrar ao pouco que podemos obter, como um homem na beira de um penhasco. Cada segundo é um penhasco, se pensar bem, um penhasco de mais de um quilômetro de altura, tão alto que, se cairmos, apagará cada feição nossa de humanidade. Por isso é melhor conversar de forma agradável. Vamos falar um do outro: por que deveríamos usar essa máscara? Vamos ser confidentes. Quem sabe nos tornemos amigos?

— Só tenho uma palavra para o senhor: faça a compra ou saia da minha loja!

— Verdade, verdade. Chega de tolices. Aos negócios. Me mostre outra coisa.

O comerciante se inclinou novamente, desta vez para colocar o espelho de volta na prateleira, o cabelo louro fino caindo nos olhos. Markheim chegou um pouco mais perto, uma das mãos no bolso do sobretudo; ele se empertigou e encheu os pulmões; ao mesmo tempo, muitas emoções diferentes transpareciam juntas no rosto dele: terror, horror e determinação, fascinação e uma repulsa física; e, com um movimento frouxo do lábio superior, os dentes apareceram.

— Talvez isso sirva — observou o comerciante; e, quando começou a se levantar, Markheim se aproximou por trás da vítima. A adaga comprida

como um espeto reluziu e desceu. O comerciante resistiu como uma galinha, bateu com a têmpera na prateleira e caiu no chão.

O tempo formava um conjunto de pequenas vozes naquela loja, algumas imponentes e lentas, resultado da grande idade, outras loquazes e apressadas. Todas contavam os segundos em um coral intrincado de tique-taques. A passagem dos pés de um rapaz, correndo pesadamente na calçada, interrompeu essas vozes menores e sobressaltou Markheim, trazendo-o de volta à consciência dos arredores. Ele olhou em volta, apavorado. A vela estava na bancada, a chama oscilando solenemente numa corrente de ar; e, com esse movimento insignificante, o aposento todo ficou cheio de uma agitação silenciosa e oscilou como um mar: as sombras altas assentindo, as manchas volumosas de escuridão inchando e

murchando como se respirassem, os rostos dos retratos e dos deuses de porcelana mudando e tremeluzindo como imagens na água. A porta interna estava entreaberta e espiava o cúmplice das sombras com um longo raio de luz, como um dedo apontando.

Dessa movimentação temerosa, os olhos de Markheim voltaram para o corpo da vítima, ao mesmo tempo encolhido e espalhado, incrivelmente pequeno e estranhamente mais cruel do que em vida. Com aquelas roupas pobres e mesquinhas, naquela posição desajeitada, o comerciante parecia serragem. Markheim temera vê-lo, mas, ora! Não era nada. Contudo, enquanto olhava, aquela trouxa de roupas velhas e aquela poça de sangue começaram a encontrar vozes eloquentes. Ali ele ficaria; não havia ninguém para operar as dobradiças engenhosas

nem conduzir o milagre da locomoção — ali ele permaneceria até ser encontrado. Encontrado! Sim, e aí? Aí, aquela carne morta soltaria um grito que ressoaria pela Inglaterra e encheria o mundo com os ecos da perseguição. Sim, morto ou não, ele ainda era o inimigo. “Já houve tempo em que, saltado o cérebro...”¹, pensou ele; e a palavra *tempo* abalou sua mente. O tempo, agora que o feito fora realizado; o tempo, que tinha se acabado para a vítima, tornava-se urgente e essencial para o assassino.

O pensamento ainda estava em sua mente quando, primeiro um e depois outro, com toda variedade de ritmo e voz, um grave como o sino da torre da catedral, o outro ressoando nas notas

1 “Já houve tempo em que, saltado o cérebro, morria o homem, e esse era o fim.”
(William Shakespeare, *Macbeth*, Ato III, Cena IV. [N. P.]

agudas do prelúdio de uma valsa, os relógios começaram a marcar as três horas da tarde.

A eclosão repentina de tantas línguas naquele aposento silencioso o atordoou. Começou a se agitar, indo de um lado para o outro com a vela, cercado de sombras em movimento e sobressaltado até a alma por reflexos casuais. Em muitos espelhos caros, alguns de fabricação local, outros de Veneza ou Amsterdã, ele viu seu rosto repetido e repetido, como se fosse um exército de espíões; os próprios olhos o encontraram e detectaram; e o som dos próprios passos, por mais leves que fossem, perturbavam o silêncio ao redor. E, ainda assim, enquanto ele enchia os bolsos, sua mente o acusava com uma repetição doentia das mil falhas do ato. Devia ter escolhido uma hora mais tranquila; devia ter preparado um álibi; não devia ter usado uma faca; devia ter

sido mais cauteloso e só amarrado e amordaçado o comerciante, não matado; devia ter sido mais ousado e matado a empregada também; devia ter feito tudo diferente: os arrependimentos mordazes, um trabalho exaustivo e incessante da mente para mudar o que era imutável, para planejar o que agora era inútil, para ser o arquiteto do passado irrevogável. Enquanto isso, e por trás de toda essa atividade, terrores brutos, como a movimentação de ratos em um sótão deserto, enchiam os aposentos mais remotos do cérebro com tumulto; a mão do policial cairia pesadamente no ombro dele, e seus nervos tremeriam como um peixe fogado; ou ele viu, em sequência galopante, o banco dos réus, a prisão, a força e o caixão preto.

O pavor das pessoas na rua dominou sua mente como um exército sitiante. Era impossível,

pensou, mas algum rumor da luta devia ter chegado aos ouvidos delas e aguçado a curiosidade; e agora, em todas as casas vizinhas, ele as imaginava sentadas, imóveis, com os ouvidos apurados — pessoas solitárias, condenadas a passar o Natal sozinhas com lembranças do passado e agora distraídas, por um sobressalto, dessa carinhosa atividade; festas de famílias felizes, agora em silêncio, em torno da mesa, a mãe ainda com um dedo erguido: cada grau e idade e humor, mas todos, nos próprios lares, espionando e escutando e tecendo a corda que o enforcaria. Às vezes, parecia-lhe que não conseguia se mover com delicadeza suficiente; o tilintar dos cálices altos de cristal da Boêmia soava alto como um sino, e, alarmado pelo volume do tique-taque, ficou tentado a parar os relógios. Por outro lado, em uma mudança rápida de seus pavores, o

próprio silêncio do local parecia uma fonte de perigo e uma coisa que chamaria a atenção e faria um passante parar; e ele pisava com mais ousadia e mexia ruidosamente nos objetos da loja e imitava, com bravata elaborada, os movimentos de um homem ocupado à vontade na própria casa.

Mas, agora, estava tão abalado pelos alarmes diferentes que, embora uma porção da mente ainda estivesse alerta e ardilosa, outra tremia à beira da loucura. Uma alucinação em particular ganhou força sobre sua credulidade. O vizinho atento com o rosto branco ao lado da janela, o passante tomado de uma suposição horrível na calçada — ambos podiam no máximo suspeitar, não podiam saber; pelas paredes de tijolo e janelas fechadas, apenas sons conseguiam penetrar. Mas ali, dentro da casa, ele estaria

sozinho? Sabia que estava; tinha observado a empregada sair para namorar, com suas melhores roupas pobres, “hoje é meu dia de folga” escrito em cada fita e em cada sorriso. Sim, ele estava sozinho, claro; mas, no volume da casa vazia acima, podia jurar que ouvia uma movimentação de pés delicados — estava seguro e consciente, inexplicavelmente consciente de uma presença. Sim, sem dúvida; a cada aposento e a cada canto da casa sua imaginação seguia o som; e agora era uma coisa sem face, mas tinha olhos para ver; e novamente era uma sombra dele mesmo, mas também a imagem do comerciante morto, imbuído de artimanha e ódio.

De vez em quando, com grande esforço, olhava para a porta aberta, que ainda parecia repelir seus olhos. A casa era alta, a claraboia pequena e suja, o dia cego de neblina, e a luz

que chegava ao térreo era excessivamente fraca, aparecendo pouco na soleira da loja. Ainda assim, naquela faixa de claridade duvidosa não oscilava uma sombra?

Subitamente, da rua lá fora, um cavalheiro muito jovial começou a bater com uma bengala na porta da loja, acompanhando os golpes com gritos e gracejos nos quais o comerciante era continuamente chamado pelo nome. Markheim, transformado em gelo, olhou para o homem morto. Mas, não! Ele continuava deitado e imóvel; estava fora do alcance dos golpes e gritos; estava afundado sob mares de silêncio; e o nome, que antes teria chamado a atenção dele acima do uivo de uma tempestade, tinha se tornado um som vazio. E logo o cavalheiro jovial desistiu de bater na porta e partiu.

Esse foi um forte sinal de que deveria apressar o que faltava ser feito, afastar-se desse cenário acusador, mergulhar no banho das multidões de Londres e chegar, no outro lado do dia, àquele santuário de segurança e aparente inocência: sua cama. Um visitante tinha aparecido: a qualquer momento, outro poderia aparecer e ser mais obstinado. Executar o ato e não colher o lucro seria um fracasso abominável demais. O dinheiro, essa era a preocupação atual de Markheim; e, como meio para o fim, a chave.

Ele olhou por cima do ombro para a porta aberta, onde a sombra ainda esperava e tremia; e, sem repugnância consciente na mente, mas um tremor na barriga, aproximou-se do corpo da vítima. O caráter humano tinha desaparecido. Como um terno meio preenchido com farelo, os membros estavam espalhados, o tronco dobrado

no chão; ainda assim, a coisa o repelia. Embora esquálida e insignificante ao olhar, ele temia que pudesse ser mais incômoda ao toque. Segurou o corpo pelos ombros e o virou de costas. Estava estranhamente leve e flexível, e os membros, como se tivessem sido quebrados, caíram em posições estranhas. O rosto estava desprovido de qualquer expressão, mas pálido como cera e chocantemente manchado de sangue em uma têmpora. Para Markheim, essa foi uma circunstância desagradável. Levou-o de volta, no mesmo instante, a um certo dia de feira em um vilarejo de pescadores; um dia cinzento, um vento forte, uma multidão na rua, o som de metais, o estrondo de tambores, a voz anasalada de um cantor de balada; e um garoto indo para lá e para cá, soterrado na multidão e dividido entre interesse e medo, até que, saindo na praça

principal da área, viu uma barraca e uma tela grande com imagens, tristemente desenhadas, exageradamente coloridas: Brownrigg e sua aprendiz; os Mannings com seu hóspede assassinado; Weare sob o jugo mortal de Thurtell; e uma série de outros crimes famosos.² A coisa foi tão clara quanto uma ilusão; ele voltara a ser aquele garotinho; estava olhando novamente, e com a mesma sensação de repulsa física, para aquelas imagens horríveis; continuava atordoado pela batida dos tambores. Um trecho da música daquele dia surgiu na memória; e, com isso, pela primeira vez, um enjoo se apossou dele,

2 Elizabeth Brownrigg (1720-1767), encarregada de ensinar serviços domésticos a meninas órfãs, matou Mary Clifford, uma de suas tuteladas; Marie (1821-1849) e Frederick George Manning (?-1849) assassinaram Patrick O'Connor para roubá-lo; William Weare (?-1823) foi assassinado por John Thurtell (1794-1824) por uma dívida de jogo. [N. P.]

uma onda de náusea, uma fraqueza repentina nas juntas, que ele precisou combater e vencer na mesma hora.

Julgou mais prudente confrontar a fugir dessas considerações, olhar com mais atenção para o rosto morto, forçar a mente a perceber a natureza e grandiosidade do seu crime. Muito pouco tempo antes, aquele rosto tinha se movido a cada mudança de sentimento, aquela boca pálida tinha falado, aquele corpo tinha vibrado com energias controláveis; e agora, e pelo seu ato, aquela vida fora interrompida, da mesma forma como o relojoeiro, com o dedo esticado, interrompe o tiquetaquear do relógio. Assim ele argumentou em vão; não conseguia sentir mais remorso na consciência; o mesmo coração que havia tremido perante as efígies pintadas de crimes olhava essa realidade inabalado. Na

melhor das hipóteses, teve um lampejo de pena por alguém que fora agraciado em vão com todas aquelas faculdades que podem tornar o mundo um jardim de encantamento, alguém que nunca tinha vivido e que agora estava morto. Mas de penitência, não, nem um tremor.

Com isso, livrando-se dessas considerações, ele encontrou o chaveiro e avançou na direção da porta aberta da loja. Do lado de fora, tinha começado a chover forte, e o som da chuva no telhado havia banido o silêncio. Como uma caverna úmida, os aposentos da casa estavam assombrados por um eco incessante que enchia os ouvidos e se misturava com o tique-taque dos relógios. E, quando Markheim se aproximou da porta, ele pareceu ouvir, em resposta a seu andar cauteloso, os passos de outros pés subindo a escada. A sombra ainda palpitava frouxa na

soleira. Ele jogou uma tonelada de determinação para os músculos e puxou a porta.

A luz suave e enevoadada do dia cintilou no piso e na escada; na armadura brilhante montada, alabarda na mão, no patamar; e nos entalhes em madeira escura e nos quadros emoldurados pendurados nos painéis amarelos dos lambris. Tão alto era o ruído da chuva pela casa que, aos ouvidos de Markheim, começou a se separar em muitos sons diferentes. Passos e suspiros, o som de regimentos marchando ao longe, o tilintar de dinheiro contado e o gemido de portas entreabertas sorrateiramente pareceram se misturar com a batida das gotas na cúpula e o escorrer da água nos canos. A sensação de que não estava sozinho foi crescendo nele, beirando a loucura. De todos os lados, era assombrado e perseguido por presenças. Ele as ouvia se movendo nos

aposentos superiores; na loja, ouviu o morto se levantando; e, quando começou com grande esforço a subir a escada, pés correram em silêncio na frente e seguiram sorrateiros por trás. Se ao menos ele fosse surdo, pensou, que tranquilidade teria na alma! Por outro lado, e tomado de atenção renovada, abençoou a si mesmo por esse sentido inquieto que tudo vigiava e servia como sentinela confiável da sua vida. Sua cabeça se virava continuamente no pescoço; os olhos, que pareciam saltar das órbitas, observavam cada lado, e de cada lado eram meio recompensados com a cauda de algo sem nome desaparecendo. Os vinte e quatro degraus até o primeiro andar foram vinte e quatro agonias.

Naquele primeiro andar, as portas estavam entreabertas, três delas como três emboscadas, abalando os nervos dele como as gargantas de

canhões. Sentia que jamais voltaria a estar protegido e armado contra os olhos observadores dos homens, e desejava estar em casa, rodeado de paredes, enfiado embaixo de cobertas e invisível a todos, menos a Deus. E, com esse pensamento, refletiu um pouco, lembrando histórias de outros assassinos e o medo que diziam que eles tinham de vingadores divinos. Pelo menos não era o caso dele. Temia as leis da natureza com receio de que, com seus procedimentos insensíveis e imutáveis, acabassem preservando alguma prova contundente do crime. Temia dez vezes mais, com um terror abjeto e supersticioso, uma cisão na continuidade da experiência do homem, uma ilegalidade obstinada da natureza. Ele fez um jogo de inteligência, contando com as regras, calculando a consequência a partir da causa; e se a natureza, como o tirano derrotado

que virou o tabuleiro de xadrez, rompesse o padrão da sucessão? O mesmo que sucedeu a Napoleão (era o que os escritores diziam) quando o inverno mudou a hora da própria chegada. O mesmo poderia acontecer a Markheim: as paredes sólidas poderiam ficar transparentes e revelar os feitos dele como os das abelhas numa colmeia de vidro; as tábuas firmes poderiam ceder sob os pés dele como areia movediça e o agarrar; sim, e havia acidentes mais moderados que poderiam destruí-lo; se, por exemplo, a casa caísse e o aprisionasse ao lado do corpo da vítima, ou se a casa ao lado pegasse fogo e os bombeiros o cercassem de todos os lados. Essas coisas ele temia; e, de certa forma, podiam ser chamadas de mãos de Deus agindo contra o pecado. Mas em relação a Deus ele estava tranquilo; seu ato era sem dúvida excepcional, mas suas desculpas

também, e Deus as conhecia; era lá, e não entre os homens, que ele tinha certeza de justiça.

Quando chegou à sala em segurança e fechou a porta ao passar, sentiu que seus temores foram suspensos. A sala estava um tanto desarrumada, sem tapete e cheia de caixas e mobília incongruente; vários espelhos de corpo inteiro, nos quais ele se viu de vários ângulos, como um ator no palco; muitos quadros, com e sem moldura, de pé, virados para a parede; um belo aparador Sheraton, um armário de marchetaria e uma grande cama antiga, com tapeçarias penduradas. As janelas se abriam até o chão, mas, por sorte, a parte inferior tinha sido fechada, e isso o escondia dos vizinhos. Ali, Markheim puxou uma caixa para a frente do armário e começou a procurar uma chave no chaveiro. Foi um trabalho demorado, pois eram muitas, e também penoso,

pois, afinal, podia não haver nada no armário, e o tempourgia. Mas a precisão da atividade o deixou sóbrio. Com o canto dos olhos, ele via a porta; até olhava para ela diretamente de tempos em tempos, como um comandante em cerco, satisfeito de verificar o bom estado de suas defesas. Mas, na verdade, ele estava em paz. A chuva caindo na rua tinha um som natural e era agradável. No momento, do outro lado, as notas de um piano despertaram com a música de um hino, e as vozes de muitas crianças soaram no ar. Que imponente, que confortável melodia! Que revigorantes as vozes jovens! Markheim ouviu com um sorriso enquanto separava as chaves, e sua mente foi tomada por ideias e imagens em resposta: crianças indo à igreja e o toque do órgão; crianças no parque, banhistas no riacho, caminhantes no bosque, pipas no céu cheio de

vento e nuvens; e então, em outra cadência do hino, de volta à igreja, e à sonolência dos domingos de verão, e à voz aguda e nobre do pároco (que o fez sorrir um pouco ao lembrar) e às tumbas jacobinas pintadas e às letras desgastadas dos Dez Mandamentos na capela.

E, quando estava assim sentado, ao mesmo tempo ocupado e distraído, ele deu um pulo, sobressaltado. Um lampejo de gelo, um lampejo de fogo, um jorro intenso de sangue tomou conta dele, e ele se levantou, transfixado e nervoso. Um passo subiu a escada lenta e regularmente, e agora havia a mão de alguém na maçaneta, e o trinco estalou e a porta foi aberta.

O medo segurou Markheim como um torno. O que esperar, ele não sabia, se o morto caminhando ou os ministros oficiais da justiça humana

ou uma testemunha casual entrando às cegas para enviá-lo para a forca. Mas, quando um rosto passou pela abertura, olhou o aposento, viu-o, assentiu e sorriu como se em reconhecimento amigável e se retirou, e a porta se fechou em seguida, o medo escapou do controle em um grito rouco. Com esse som, o visitante retornou.

— Me chamou? — perguntou ele em tom simpático, e, com isso, entrou na sala e fechou a porta.

Markheim ficou olhando para ele com todos os olhos. Talvez houvesse uma película na sua visão, mas os contornos do recém-chegado pareceram mudar e oscilar como os dos ídolos à luz tremeluzente de velas da loja; e às vezes ele achava que o conhecia; e às vezes achava que tinha uma certa semelhança com ele mesmo;

e sempre, como uma pontada de vivo terror, pesava em seu peito a convicção de que aquela coisa não era da Terra e não era de Deus.

Ainda assim, a criatura tinha um ar estranho de trivialidade enquanto olhava para Markheim, sorrindo; e, quando acrescentou:

— Está procurando o dinheiro, não é? — disse em tom de educação comum.

Markheim não respondeu.

— Devo avisá-lo que a empregada deixou o namorado antes do previsto e estará aqui em breve — disse o outro. — Se o Sr. Markheim for encontrado nesta casa, não preciso descrever as consequências.

— Você me conhece? — perguntou o assassino.

O visitante sorriu.

— Há tempos você é um dos meus favoritos — disse ele —, e há tempos eu o observo e quero ajudá-lo.

— O que você é? — gritou Markheim. — O diabo?

— O que eu talvez seja não pode afetar o serviço que proponho fazer por você.

— Pode, sim! E afeta! Aceitar sua ajuda? Não, nunca; a sua, não! Você ainda não me conhece; graças a Deus, você não me conhece!

— Eu te conheço — respondeu o visitante, com uma espécie de severidade gentil ou firmeza. — Eu te conheço até a alma.

— Me conhece! Quem poderia me conhecer? Minha vida não passa de uma farsa e uma calúnia contra mim mesmo. Eu vivi para trair minha natureza. Todos os homens fazem isso; todos são melhores do que esse disfarce que cresce em volta e os sufoca. Você vê cada um arrastado pela vida, como alguém que bandidos capturaram e cobriram com uma capa. Se eles tivessem controle próprio, se você pudesse ver o rosto deles, seriam totalmente diferentes, brilhariam como heróis e santos! Eu sou pior do que a maioria; a minha capa cobre mais; a minha desculpa é conhecida minha e de Deus. Mas, se eu tivesse tempo, poderia me revelar.

— A mim? — perguntou o visitante.

— A você antes de todos — respondeu o assassino. — Achei que você fosse inteligente.

Achei, já que existe, que você demonstraria ser um leitor do coração. Mas você propõe me julgar pelos meus atos! Pense bem; meus atos! Eu nasci e vivi em uma terra de gigantes; gigantes me arrastaram pelos pulsos desde que nasci da minha mãe. Os gigantes das circunstâncias. E você quer me julgar pelos meus atos! Mas não consegue ver meu íntimo? Não consegue entender que o mal é detestável para mim? Não consegue ver dentro de mim a clara escrita da consciência, nunca borrada por algum sofisma obstinado, embora muitas vezes menosprezada? Não consegue ler em mim uma coisa que deve ser tão comum quanto a humanidade: o pecador involuntário?

— Tudo isso é manifestado com muito sentimento — foi a resposta. — Mas não me diz respeito. Esses pontos de consistência estão fora

do meu alcance, e não ligo nem um pouco para qual compulsão pode ter arrastado você, já que foi carregado na direção certa. Mas o tempo voa; a empregada se atrasa olhando os rostos da multidão e as imagens dos painéis, mas continua chegando mais perto; e, lembre-se, é como se a própria força estivesse caminhando na sua direção pelas ruas, no Natal! Devo ajudá-lo? Eu, que sei tudo? Devo dizer onde encontrar o dinheiro?

— A que preço? — perguntou Markheim.

— Ofereço o serviço a você por um presente de Natal.

Markheim não pôde evitar um sorriso com uma espécie de triunfo amargo.

— Não, eu não aceito nada das suas mãos — disse ele. — Se eu estivesse morrendo de sede

e fosse sua mão que levasse a jarra de água aos meus lábios, eu encontraria a coragem de recusar. Pode ser credulidade, mas não farei nada que me comprometa com o mal.

— Não faço objeções aos arrependimentos no leito de morte — observou o visitante.

— Porque você não acredita na eficácia delas! — exclamou Markheim.

— Eu não digo isso, mas vejo essas coisas de um ângulo diferente, e quando a vida acaba meu interesse termina. O homem viveu para me servir, para espalhar olhares sombrios sob o pretexto da religião, ou para semear joio no campo de trigo, como você faz, em uma vida de obediência ao desejo. Agora que chega tão próximo da libertação, ele pode acrescentar apenas um ato de serviço: arrepender-se, morrer sorrindo, e assim aumentar

a confiança e a esperança dos mais temerosos entre os meus seguidores sobreviventes. Não sou um mestre tão difícil. Experimente. Aceite minha ajuda. Satisfaça-se na vida como já fez até aqui; satisfaça-se mais amplamente, abra os cotovelos na mesa, e, quando a noite começar a cair e as cortinas forem fechadas, eu digo a você, para seu grande conforto, que vai achar até fácil acertar as contas com a sua consciência, fazer as pazes e submeter-se a Deus. Vim agora mesmo de um leito de morte em que isso aconteceu, e o quarto estava cheio de pessoas sinceras de luto, ouvindo as últimas palavras do homem; e, quando olhei naquele rosto, que estivera firme como uma rocha contra a misericórdia, eu o vi sorrindo de esperança.

— E então você supõe que eu seja como tal criatura? — perguntou Markheim. — Acha que

não tenho nenhuma aspiração mais generosa além de pecar, pecar, pecar e, finalmente, entrar sorrateiramente no paraíso? Meu coração se infla com a ideia. Essa é então a sua experiência com a humanidade? Ou é porque você me encontra com as mãos vermelhas que presume tal infâmia? E esse crime de assassinato é de fato tão ímpio a ponto de secar as próprias fontes do bem?

— Assassinato para mim não é categoria especial — respondeu o outro. — Todos os pecados são assassinato, assim como toda vida é guerra. Eu vejo sua raça como marinheiros famintos em uma balsa, arrancando migalhas das mãos da fome e se alimentando das vidas uns dos outros. Eu sigo os pecados além do momento da ação; percebo que tudo tem como última consequência a morte; e, para os meus olhos, a moça bonita que engana a mãe de um jeito tão

encantador nas perguntas sobre um baile não derrama sangue humano menos visivelmente do que um assassino como você. Eu disse que sigo os pecados? Sigo as virtudes também; elas diferem por menos do que a espessura de uma unha, ambos são foices para o anjo ceifador da Morte. O mal, pelo qual eu vivo, consiste não em ação, mas em caráter. O homem mau é querido para mim; não o ato mau, cujos frutos, se pudéssemos segui-los pela catarata veloz das épocas, poderiam ainda ser mais abençoados do que as mais raras virtudes. E não é porque você matou um comerciante, mas porque você é Markheim, que eu ofereço ajuda na sua fuga.

— Vou abrir meu coração para você. O crime no qual você me encontra é o último que cometo. No caminho, aprendi muitas lições; ele em si é uma lição, uma lição enorme. Até agora, fui

impelido pela revolta para o que não queria; era escravo da pobreza, conduzido e açoitado. Há virtudes robustas que podem suportar essas tentações; a minha não era. Eu tinha sede de prazer. Mas, hoje, saindo dessa situação, levo aviso e riquezas, o poder e uma nova determinação de ser eu mesmo. Eu me torno em todos os sentidos um ator livre no mundo; começo a me ver todo mudado, estas mãos como agentes do bem, este coração tranquilo. Algo me acomete do passado; algo que sonhei nas noites de sabá ao som do órgão da igreja, que previ quando derramei lágrimas sobre livros nobres ou falei, uma criança inocente, com a minha mãe. Lá está minha vida; vaguei sem rumo alguns anos, mas agora vejo novamente minha cidade de destino.

— Você vai usar esse dinheiro na Bolsa de Valores, não? — comentou o visitante. — E lá, se não me engano, você já perdeu alguns milhares?

— Ah, mas desta vez eu tenho uma certeza.

— Desta vez, novamente, você vai perder — respondeu o visitante em voz baixa.

— Ah, mas eu fico com metade! — exclamou Markheim.

— Que você também vai perder.

O suor cobriu a testa de Markheim.

— Bem, qual é o problema? — perguntou ele. — Digamos que se perca, digamos que eu seja jogado na pobreza outra vez; uma parte de mim, a pior, deve continuar até o fim a superar a melhor? O bem e o mal são fortes em mim,

puxando-me nas duas direções. Eu não amo uma coisa só, eu amo tudo. Consigo pensar em grandes feitos, renúncias, martírios; e, embora tenha cometido um crime como assassinato, a pena não é estranha aos meus pensamentos. Tenho pena dos pobres; quem conhece as provações deles mais do que eu? Tenho pena e os ajudo; valorizo o amor, amo uma gargalhada honesta; não há uma coisa boa nem verdadeira na Terra que eu não ame com todo o meu coração. E só meus vícios devem direcionar minha vida, e minhas virtudes devem ficar sem efeito, como uma parte passiva da mente? Não mesmo; o bem também é uma fonte de atos.

Mas o visitante ergueu o dedo, dizendo:

— Pelos trinta e seis anos que você está neste mundo, pelas muitas mudanças de sorte

e variedades de humor, observei você decair regularmente. Quinze anos atrás, você teria se assustado com roubo. Três anos atrás, teria empalidecido com a palavra assassinato. Existe algum crime, existe alguma crueldade ou maldade que ainda o repugne? Daqui a cinco anos eu o encontrarei cometendo-a! Para baixo, sempre para baixo é o seu caminho; nada além da morte pode detê-lo.

— É verdade — disse Markheim com voz rouca. — Tenho até certo ponto compactuado com o mal. Mas é assim com todos: os próprios santos, no mero exercício da vida, ficam menos frágeis e assumem o tom dos arredores.

— Vou propor a você uma simples pergunta e, quando responder, lerei para você seu horóscopo moral — disse o outro. — Você ficou mais

relaxado em muitas coisas; possivelmente, faz certo em agir assim. E, de qualquer modo, é assim com todos os homens. Mas, considerando isso, há alguma situação específica, por mais insignificante que seja, em que você tenha achado mais se satisfazer com sua própria conduta, ou você se entrega a todas as coisas com rédea solta?

— Alguma? — repetiu Markheim, com a angústia da reflexão. — Não — acrescentou com desespero. — Nenhuma! Eu decaí em todas.

— Então, contente-se com o que você é, pois nunca vai mudar; e as palavras do papel que você cumprirá neste palco estão irrevogavelmente escritas.

Markheim ficou por muito tempo em silêncio, e de fato foi o visitante quem rompeu o silêncio, dizendo:

— Sendo assim, devo mostrar o dinheiro?

— E a graça? — perguntou Markheim.

— Você não a experimentou? Dois ou três anos atrás, não vi você na plataforma de reuniões religiosas, e não era a sua voz a mais alta no hino?

— É verdade; e vejo claramente o que resta a mim como dever. Agradeço a você por essas lições da minha alma; meus olhos estão abertos e eu me vejo finalmente tal como sou.

Neste momento, a nota aguda da campainha soou pela casa; e o visitante, como se fosse um sinal combinado que esperava, mudou na mesma hora o comportamento.

— A empregada! — gritou ele. — Ela voltou, como eu avisei, e agora há perante você mais uma

passagem difícil. Você deve dizer que o patrão dela está doente; deve deixá-la entrar com uma postura segura e bem séria. Nada de sorrisos, nem de exageros, e eu lhe prometo sucesso! Com a garota dentro e a porta fechada, a mesma destreza que já o livrou do comerciante o aliviará desse último perigo no seu caminho. Daí em diante, você terá a noite toda, a madrugada toda se necessário, para saquear os tesouros da casa e garantir a sua segurança. Essa é a ajuda que aparece com a máscara do perigo. Levante-se! Levante-se, amigo; sua vida está tremendo na balança. Levante-se e aja!

Markheim olhou com firmeza para seu conselheiro.

— Se estou condenado a cometer atos malignos — disse ele —, ainda há uma porta de

liberdade aberta. Posso parar de agir. Se a minha vida é uma coisa maligna, posso renunciar a ela. Embora eu esteja, como você diz verdadeiramente, a serviço de cada pequena tentação, ainda posso, por um gesto decisivo, me colocar além do alcance de todas. Meu amor pelo bem está condenado à esterilidade; pode ser assim, e que seja! Mas ainda tenho meu ódio pelo mal; e disso, para sua grande decepção, você verá que posso tirar tanto energia quanto coragem.

As feições do visitante começaram a passar por uma mudança maravilhosa e bela: iluminaram-se e suavizaram-se com um triunfo delicado e, depois de se iluminarem, apagaram-se e sumiram. Mas Markheim não parou para olhar nem para entender a transformação. Abriu a porta e desceu a escada devagar, pensando. Seu passado passou sobriamente por ele; ele o viu

como era, feio e extenuante como um sonho, aleatório como um assassinato involuntário: uma cena de derrota. A vida, enquanto ele a revia, não apresentava mais tentação; mas, do outro lado, percebeu um porto tranquilo para seu barco. Parou na passagem e olhou para a loja, onde a vela ainda ardia ao lado do corpo. Estava estranhamente silenciosa. Lembranças do comerciante surgiram em sua mente enquanto ele olhava, e a campainha tocou mais uma vez, num clamor impaciente.

Ele encarou a empregada na soleira com algo que se assemelhava a um sorriso.

— É melhor você chamar a polícia — disse ele. — Eu matei seu patrão.



CONHEÇA A CAMPANHA E PARTICIPE

catarse.me/nataalfantasma

